



Universidade de São Paulo

Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI

Museu de Arte Contemporânea - MAC

Livros e Capítulos de Livros - MAC

2012

Arquivos de museus de arte e pesquisa: o Grupo de Trabalho Arquivos de Museus e Pesquisa

<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/50495>

Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo

I seminário serviços de informação em museus

**São Paulo
25 e 26
de novembro
de 2010**

Organização

Pinacoteca do Estado de São Paulo

Coordenação

Gabriel Moore Forell Bevilacqua

Isabel Cristina Ayres da Silva Maringelli

Arquivos de museus de arte e pesquisa: o Grupo de Trabalho Arquivos de Museus e Pesquisa

Ana Gonçalves Magalhães

Divisão de Pesquisa em Arte, Teoria e Crítica
Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

Quando recebi o convite para participar do Seminário sobre Serviços de Informação em Museus, organizado pela Biblioteca Walter Wey e pelo Centro de Documentação e Memória da Pinacoteca do Estado de São Paulo, a solicitação foi a de que eu apresentasse o Grupo de Trabalho Arquivos de Museus e Pesquisa, que eu, minha colega do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP), Silvana Karpinski, e Gabriel Moore Forell Bevilacqua (da Pinacoteca do Estado de São Paulo) organizamos a partir de março de 2010. Para tanto, terei de voltar aos primórdios de nossas conversas e ao meu interesse, enquanto pesquisadora na área de história da arte, pelo arquivo dentro do museu de arte. Desde já, devo dizer que falo do lugar da curadoria e da pesquisa, e não como profissional do campo da Arquivística.

O que levou ao contato com meus colegas Silvana Karpinski e Gabriel Moore, historiadores como eu de formação, arquivistas e responsáveis, dentro das respectivas instituições, por acervos documentais, foi justamente o projeto de pesquisa que eu começava a desenvolver com minha chegada ao MAC/USP em setembro de 2008. Meu plano de trabalho no museu, junto à Divisão de Pesquisa em Arte, Teoria e Crítica, tinha por objetivo a reavaliação crítica e a atualização da catalogação do acervo do Museu. Tomei como projeto piloto as duas primeiras coleções transferidas à Universidade de São Paulo, quando da dissolução do antigo Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAMSP) e criação do MAC/USP, em 1963: as coleções Francisco Matarazzo Sobrinho e Yolanda Penteado. A princípio, escolhê-las como plataforma de reflexão sobre o processo de catalogação do acervo baseava-se em dois pressupostos. De um lado, havia uma historiografia consolidada que se debruçava sobre as origens do antigo MAMSP e tratava dessas duas coleções, o que, numa primeira análise, fazia delas um objeto de estudo cujo acervo documental encontrava-se já bem estruturado, facilitando a reavaliação crítica de seu processo de catalogação.¹ Por outro lado, elas permitiriam entrever o contexto maior do momento de criação das instituições museológicas de arte em São Paulo, e uma necessária interação entre elas.

¹ Cf., por exemplo, Zanini, 1977; Ajzenberg, 2003; Fabris, 2008; Fabris, s.d. Embora a bibliografia seja significativa, o acervo documental para a pesquisa dessas duas coleções não estava efetivamente estruturado. Portanto, o projeto, ao final, levará a uma reinterpretação da história de formação dessas coleções.

Assim sendo, fui levada a trabalhar, em última instância, nos fundos de arquivo do antigo MAMSP, atualmente dispersos entre o próprio MAMSP, o MAC/USP e a Fundação Bienal de São Paulo. Além disso, a atuação de alguns artistas presentes nas coleções Francisco Matarazzo Sobrinho e Francisco Matarazzo Sobrinho e Yolanda Penteado revelou-me que as atividades do antigo MAMSP e do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp) eram, muitas vezes, complementares e interativas, o que levava a documentação a alcançar também os fundos desta última instituição. Ou seja, o próprio contexto histórico de criação das diversas instituições artísticas de São Paulo, oriundas dos anos 1940 e do início da década de 1950, refletia-se na dispersão documental que, por sua vez, exprimia a dinâmica de trocas entre elas. Embora inicialmente a Pinacoteca do Estado de São Paulo parecesse estar à margem das ações do antigo MAMSP, do Masp e das edições da Bienal de São Paulo na década de 1950, sua atividade no período em questão complementa a compreensão da evolução dos acervos reunidos e da história dessas instituições.²

Portanto, parecia-nos fundamental que se criasse uma plataforma de discussão e troca entre essas instituições. Outra coisa que rapidamente revelou-se importante foi o fato de todas elas terem passado por processos relativamente recentes de estruturação de seus centros de documentação (Pinacoteca e Masp) e de seus arquivos (MAC/USP e Fundação Bienal de São Paulo). De fato, no caso paulista – e talvez pudéssemos dizer no caso brasileiro –, a criação e organização de fundos de arquivo em museus e instituições artísticas é um fenômeno da década de 1990, momento em que também o país assiste a uma nova onda de esforços na profissionalização das estruturas ligadas à arte e na formação em história da arte.³

Assim, chegamos à proposta do I Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa, realizado em 9 e 10 de novembro de 2009. Dividido em duas sessões, o seminário teve por objetivo reunir as instituições artísticas que se relacionavam por intermédio de sua documentação e de suas atividades, ao mesmo tempo em que propunha a abordagem do arquivo no contexto do museu por duas vias: o arquivo como gestor e guardião da informação e das atividades-fim do museu, e

² A historiografia da arte no Brasil, a partir da década de 1990, teve papel renovador na constituição de uma primeira narrativa sobre essas instituições artísticas. Cf. Lourenço, 1999; e as teses: Araujo, 2002; Barros, 2002; Nascimento, 2003.

³ Em 1985 o Brasil saía de um período de 20 anos de ditadura militar, e é preciso levar esse acontecimento em consideração quando abordamos questões ligadas à circulação de informação, advinda da organização de arquivos e centros de documentação. Um estado de exceção certamente dificultava ao máximo a circulação da informação e, consequentemente, os arquivos e centros de documentação foram os primeiros a sofrer com sua instauração. No caso das instituições artísticas que tratamos aqui, o Masp organiza sua Biblioteca e Centro de Documentação entre 1990 e 1993, a Fundação Bienal em 1990, o MAC/USP em 1996, e a Pinacoteca do Estado de São Paulo inaugura seu Centro de Documentação e Memória em 2005 (marco do centenário da instituição). Isso não significa, no entanto, que a coleta e reunião da documentação desde o momento de criação dessas instituições não existisse. Apenas não havia uma instância, nos respectivos organogramas, que fosse responsável por sua guarda e organização e pela criação de instrumentos de acesso e pesquisa de maneira mais sistemática.

sua documentação como fonte de pesquisa na área de arte. Num primeiro momento, o arquivo foi abordado em casos-limite – se assim podemos dizer –, cujo desdobramento é o arquivo de artista e o arquivo tomado como *médium* do trabalho do artista.⁴ Encerramos a segunda sessão com uma apresentação de estudo de caso, historiando os arquivos do antigo MAMSP,⁵ do Masp, da Fundação Bienal de São Paulo, do MAC/USP e da Pinacoteca do Estado de São Paulo. A última sessão do seminário foi aberta pelo depoimento da Professora Titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP) Aracy Amaral, como ex-diretora do MAC/USP e da Pinacoteca do Estado de São Paulo e curadora da Bienal de São Paulo; seguiu-se com a apresentação dos arquivos e centros de documentação das instituições convidadas por seus respectivos coordenadores.⁶

Ao refletir sobre a constituição de suas estruturas, os arquivos e centros de documentação das instituições estudadas apresentavam vários pontos em comum, que não diziam respeito somente à interação da documentação e das atividades-fim de suas instituições de origem. O que emergiu muito claramente do debate promovido no contexto do I Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa foi, primeiramente, uma enorme cisão entre as instâncias de curadoria e pesquisa dos museus e aquelas dedicadas à conservação e gestão documental. Essa cisão revelou um descompasso em meio à pesquisa de ponta no campo da arte e, sobretudo, uma discrepância entre a estrutura do museu e sua atualização frente às questões que emanam das práticas artísticas. A primeira consequência dessa cisão reflete-se na ausência de gestão da informação dentro do museu e na constante precariedade de infraestrutura para a boa manutenção e organização do acervo documental das instituições. Em segundo lugar, e mais fundamentalmente, essas instâncias parecem ser entendidas como meramente técnicas, dispensando, como no caso do acervo artístico do museu, uma reflexão curatorial. Quando pensamos ainda nas práticas artísticas contemporâneas – o que apenas foi tocado no I Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa –, estas propõem uma nova leitura da estrutura museal, que antes de tudo implica a reavaliação e redefinição daquilo que queremos dizer com o termo ‘acervo’ dentro do museu. Nesse sentido, o acervo de um museu compõe-se de sua coleção de obras de arte, de seus fundos de arquivo e de sua biblioteca, já que estas três estruturas estão contempladas no modelo mais recorrente que temos de museu. No que diz respeito ao museu de arte contemporânea, algumas proposições artísticas fogem às categorias tradicionais de obra de arte e desafiam a instituição a compreendê-las em sua estrutura convencional de classificação.⁷

⁴ Cf. Meneses, 2010; Camargo, 2010.

⁵ No caso do MAMSP, o curador Felipe Chaimovich apresentou uma reflexão sobre a biblioteca do museu e seu centro de documentação a partir do projeto da artista Mabe Bethônico, desdobramento de seu *work in progress* ‘museumuseu’, em 2009, no contexto do projeto “Parede”. Cf. Chaimovich, 2010.

⁶ Cf. Costa, 2010; Villela, 2010; Karpinski, 2010; Bevilacqua, 2010.

⁷ Além dos textos dos professores Ulpiano T. Bezerra de Meneses e Ana Maria Camargo (nota 4), veja-se Freire, 2010.

Com relação às questões comuns aos diferentes arquivos e centros de documentação das instituições apresentadas no I Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa, a que parece ser mais emergencial diz respeito, em primeiro lugar, à falta de um debate sobre a gestão da informação dentro do museu e/ou da instituição artística. Ou seja, ainda não há, por parte das instituições, um entendimento de que os arquivos e centros de documentação cumprem o papel fundamental de salvar, mais do que a documentação sobre seus acervos, sua história, bem como serem instrumentos de sua administração. Isso significa que o acervo documental de um museu exerce, ao menos, três papéis fundamentais: o apoio à pesquisa sobre seu acervo, o apoio à construção da identidade da instituição e o apoio às suas ações administrativas. Nessa perspectiva, também ficou claro que a classificação arquivística tradicional não dá conta de organizar a documentação produzida no contexto do museu,⁸ pois nem a tipologia documental tradicional, nem as tabelas de temporalidade para preservação de documentos tradicionais refletem as atividades-fim do museu. Aqui, gostaria de destacar a contribuição da professora Johanna Smit, que para o seminário apresentou uma proposta de como se poderia desenhar a classificação da documentação museal levando em conta as especificidades de suas atividades-fim.⁹

À falta de um lugar, por assim dizer, dos arquivos e centros de documentação dentro do museu, juntou-se o fato de que, na constituição dessas estruturas, elas já nasceram com a premência de rapidamente atualizar-se utilizando ferramentas de organização e consulta virtuais. Ao longo do seminário, ficou claro que boa parte dos colegas à frente de centros de documentação e arquivos de museus envolveu-se, recentemente, com projetos de elaboração de bancos de dados virtuais. Por isso foi importante o convite à participação da arquivista norte-americana Deborah Wythe, coordenadora das Coleções Digitais e Serviços do Brooklyn Museum de Nova York e autora do único livro de referência sobre arquivos de museus no contexto norte-americano.¹⁰ Wythe nos falou, para além do banco de dados, de outras ferramentas virtuais, tais como as chamadas redes sociais (Twitter, Facebook e Flickr, entre outras), utilizadas não somente para disponibilização mas também para coleta de acervo.¹¹ Esse outro uso de ferramentas virtuais já nos deixa, mais uma vez, em descompasso com um debate internacional.

⁸ Esta é uma questão não só pertinente ao museu de arte ou à instituição artística, mas também a museus de outra natureza. No contexto do I Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa foi abordado o caso do Museu Paulista como museu histórico (Cf. Marins, 2010). No contexto do museu histórico coloca-se, por exemplo, a questão daquilo que delimita o documento como acervo e o documento como arquivo, bem como o arquivo do museu e seu arquivo histórico como acervo.

⁹ Cf. Smit, 2010. Um dos exemplos utilizados pela professora Johanna Smit foi o da nota fiscal de compra de acervo do museu: esta não poderia ser tratada como documento fiscal apenas, uma vez que pode revelar dados importantes sobre o histórico de circulação do objeto adquirido pelo museu, que muitas vezes é o que leva à sua aquisição.

¹⁰ Wythe, 2004.

¹¹ Ao responder a uma questão que lhe foi proposta no momento do debate, Wythe deu o exemplo do uso do Flickr pelo Brooklyn Museum na coleta de registros fotográficos da Ponte do Brooklyn para o acervo do museu – que mantém em suas coleções o projeto arquitetônico, a documentação histórica de construção e um repertório de imagens da ponte ao longo de sua existência.

As questões que emergiram durante o seminário só enfatizaram a importância da criação de um fórum de debates, no qual os temas abordados pudessem ser discutidos a partir de bases comuns de reflexão conceitual. Portanto, ao final do evento, quando lançamos a proposta de criação do Grupo de Trabalho Arquivos de Museus e Pesquisa, inicialmente convidando as instituições representadas nas comunicações apresentadas ao longo do seminário, ela foi muito bem-vinda. O Grupo de Trabalho foi estruturado, antes de tudo, levando-se em consideração que a interação entre as instâncias de curadoria e as instâncias técnicas de gestão do acervo documental e do acervo do museu era o ponto fundamental para chegarmos a proposições conceituais comuns da função e do lugar do arquivo ou do centro de documentação dentro do museu. Em seu formato ideal, participam do Grupo de Trabalho representantes do corpo curatorial, do arquivo ou centro de documentação, da catalogação e da biblioteca das instituições que fazem parte do grupo. Depois de praticamente um ano de encontros, já ficou evidente que reunir membros dessas áreas não é fácil: as equipes são pequenas e, muitas vezes, uma área é coordenada por apenas uma pessoa, o que dificulta sua ausência na instituição para participação no grupo. Além disso, nem todas as instituições convidadas a participar enviaram representantes para as reuniões do grupo, o que também nos deixou claro que o arquivo ou centro de documentação pode não ter um papel significativo dentro das instituições. Atualmente, frequentam o grupo as seguintes instituições: MAC USP, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Fundação Bienal de São Paulo, Masp e o Museu Paulista da USP. O Grupo se reúne uma vez por mês.

Nossa plataforma de discussão para 2010 baseou-se nas seguintes questões:

- Políticas de acervo (integração, delimitações conceituais, hibridismos documento/obra e critérios de incorporação: acervos museológicos, arquivísticos e bibliográficos);
- Políticas institucionais de informação (serviços de informação, extroversão e acesso para públicos internos e externos);
- Representação e registro de arte contemporânea (arte conceitual, arte como processo – processo residual como obra, documentação museológica, registro documental de atividades artísticas efêmeras, representação documental da obra de arte, preservação permanente de atividades dinâmicas, sobreposições em acervos de naturezas diversas etc.);
- Organização e gestão de arquivos (o lugar e o papel do arquivo no museu, o arquivo como ferramenta administrativa / o arquivo como fonte de pesquisa, o arquivo como atividade-fim e atividade-meio, a tendência dos centros de documentação e memória, fragmentação de fundos, legislação arquivística, metodologia: classificação, avaliação, descrição e informatização);
- Ferramentas e estratégias de pesquisa e acesso (bancos de dados, integração de acervos e sistemas, publicação on-line, digitalização de acervos etc.).

Também fazia parte da proposta inicial para o grupo pensar numa lista comum de exposições organizadas pelas instituições envolvidas ao longo do século XX (considerando-se as atividades da Pinacoteca a partir de 1905), bem como a elaboração de um guia de nossos arquivos. Estas duas questões ainda estão em aberto dentro do grupo, e deverão ser reconsideradas diante do debate que já tivemos nos últimos meses em relação a isso. Outros dois pontos que norteiam nossas discussões são, de um lado, a dificuldade que essas instâncias encontram para conseguir apoio a projetos de integração entre as diferentes áreas do museu, uma vez que os editais lançados para a área de arquivos e centros de documentação são setorializados e não entreveem uma interação entre as áreas; de outro, o diálogo entre a documentação que é gerida pelas seções de catalogação dos museus e aquela do arquivo, e de como se deveria buscar uma integração das bases de pesquisa e organização da documentação dos museus como um todo.

A primeira reunião do Grupo de Trabalho ocorreu em março e abriu-se com a participação de Arturo Rodríguez, curador da exposição *Hojeando/Folheando: quatro décadas de livros e revistas de artistas da Espanha* e especialista em coleta de documentos da Biblioteca do Museu Nacional e Centro de Arte Reina Sofía, na Espanha.¹² A apresentação de Rodríguez centrou-se justamente nas dificuldades de incorporação de publicações de artistas ao acervo do museu, na medida em que essa função era dada inicialmente à biblioteca e, com o desenvolvimento da pesquisa em história da arte e em arte contemporânea, tal função era reconsiderada e era reatribuída ao acervo. Rodríguez nos lembrou como esse tipo de produção artística, que não existe só nas práticas contemporâneas, passa a ser ressignificado no contexto do museu na contemporaneidade e coloca problemas à catalogação tradicional do acervo.

Organizamos, também, dois seminários internos, para os quais trouxemos profissionais que nos ajudassem a pensar as questões que inicialmente nos estimulavam. O primeiro deles realizou-se em maio e teve a participação da Professora Titular da FAU/USP Ana Maria de Moraes Belluzzo, coordenadora do grupo brasileiro de pesquisa do projeto *Documentos do Século XX de Arte Latino-americana e Latino Art*, do Center for the Arts of the Americas do Houston Museum of Fine Arts, apoiado pela Fapesp; e de Raquel Gómez del Val, historiadora da arte e responsável pela Coordenação de Exposições Temporárias do Ministério da Cultura da Espanha, e por sua respectiva base de dados.¹³ As apresentações nos colocaram uma série de novos problemas sobre o uso de base de dados e ferramentas virtuais de organização e catalogação de documentos, ao mesmo tempo em que falavam deles de lugares muito distintos. No caso da professora Ana Belluzzo, tratava-se de elaborar uma base de dados de documentos da história da arte brasileira, que deveria dar conta

da produção brasileira ao longo do século XX a partir de temas conceituais trabalhados dentro de uma plataforma comum, elaborados em uma série de reuniões no museu em Houston, e que abordavam a arte latino-americana do ponto de vista do atual estado da questão na pesquisa acadêmica desenvolvida nos Estados Unidos. Portanto, a ficha dessa base de dados continha descritores muito específicos que reconstruíam para o consulente seu contexto de produção, associando-o a outros documentos que tivessem sido produzidos a partir do mesmo acontecimento e/ou tema. Em última instância, a base de dados proposta constituía-se claramente num instrumento de pesquisa sobre arte brasileira. Já a base de dados apresentada por Raquel Gómez del Val servia de ferramenta de gerenciamento para a produção das exposições realizadas pelo Ministério de Cultura espanhol, e parecia ter muito mais facilidade em tratar os diferentes campos com certa neutralidade, já que as informações ali armazenadas serviam, a princípio, para o controle da produção das exposições. Mas em nenhum dos dois casos tais bases davam suporte a um acervo propriamente dito. O banco feito para Houston é composto da reunião de documentos dispersos em vários arquivos e centros de documentação de arte, de todo o Brasil; o banco de exposições do Ministério de Cultura da Espanha lida com uma atividade efêmera, que não prevê a formação de acervo.

Porque ouvir o relato sobre essas duas experiências nos pareceu importante, já que todas as instituições representadas no Grupo de Trabalho têm por função primordial preservar acervos? Parece-me que a resposta está no fato de que tanto uma experiência quanto a outra nos revelaram que a ferramenta virtual e os bancos de dados, embora vitais hoje para o gerenciamento de acervos, não são estruturas neutras. Elas nos mostram como a interação entre a pesquisa e o corpo técnico é fundamental na elaboração da ferramenta de consulta e na organização dos acervos documentais.¹⁴ Isto é, acervos documentais devem ser também curados em seu sentido mais amplo, isto é, necessitam de interpretação e inteligibilidade, pois sua existência e atividade não são garantidas apenas por sua preservação física. Voltávamos, então, às contribuições da pesquisadora argentina Patricia Artundo e da curadora Ana Paula Nascimento para o I Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa.¹⁵ Patricia Artundo, coordenadora de Projetos Especiais da Fundación Espigas de Buenos Aires, que mantém o arquivo mais importante de arte da Argentina, havia apresentado sua experiência de concepção de uma exposição com a documentação do arquivo da Fundación Espigas. "Arte y Documento" trabalhou na interseção documento/publicação/obra de arte e construía um contexto para a produção artística argentina do período tratado. Artundo partia da produção artística e da história da arte argentina para dar inteligibilidade a um recorte do arquivo da Fundación Espigas que levou à reestruturação dos fundos de arquivo, de modo a reunir

¹² A participação de Arturo Rodríguez no Grupo de Trabalho teve o apoio do Centro Cultural de Espanha de São Paulo.

¹³ Raquel Gómez del Val também veio com o apoio do Centro Cultural de Espanha de São Paulo.

¹⁴ É preciso lembrar aqui a discussão em torno da criação de uma base virtual de imagens da história da arte e seu consequente vocabulário controlado pelo Instituto Getty dos Estados Unidos, na década de 1990. Num texto de 1996, Hal Foster fazia a crítica à suposta neutralidade das bases virtuais. Cf. Foster, 1996.

¹⁵ Cf. Artundo, 2010; e Nascimento, 2010.

(virtualmente em uma base de dados) os conjuntos documentais que refletissem esse contexto. Já a curadora Ana Paula Nascimento relatou algumas experiências de projetos de exposição, oriundos da pesquisa com o acervo da Pinacoteca, que também resultaram na organização de fundos documentais no arquivo do Centro de Documentação e Memória, e em um caso específico, a recepção de um fundo de artista para o acervo da instituição. Em última instância, elaborar políticas para o acervo de um museu é pensar também em políticas de fundos documentais e direcionamentos a serem dados aos seus arquivos, bibliotecas e centros de documentação. Nesse sentido, plataformas virtuais podem ser de grande valia, se concebidas sob uma perspectiva curatorial, pois são capazes de desenhar esses percursos dentro da vida da instituição.

O segundo seminário interno que organizamos para o Grupo de Trabalho contou com as participações da professora Johanna Smit, como coordenadora do Sistema de Arquivos da Universidade de São Paulo (SAUSP), e de Ieda Bernardes, coordenadora do Sistema de Arquivos do Estado de São Paulo (SAESP). O convite às duas especialistas veio na medida em que, como órgãos públicos, essas instâncias sob as quais operam boa parte das instituições do Grupo de Trabalho são responsáveis por discutir e implementar políticas públicas para a gestão documental e organização de arquivos e centros de documentação. Ieda Bernardes relatou todo o processo de estruturação do Sistema de Arquivos do Estado de São Paulo (SAESP) e apontou para a importância da institucionalização de determinados procedimentos e ações, bem como de comissões gestoras responsáveis por pensar políticas para arquivos. A professora Johanna Smit lembrou que o Sistema de Arquivos da USP (SAUSP) assim como o de Arquivos do Estado de São Paulo, havia nascido da necessidade que a administração central da Universidade tinha em acessar a documentação produzida ao longo de sua história para melhor estabelecer metas de gestão. Embora isso tenha justificado a organização e disponibilização dos arquivos da USP, ela chamou atenção para a falta de preservação das atividades-fim da Universidade, isto é, a pesquisa e a docência, e afirmou que este era ainda um problema a ser superado.

Ambas as experiências relatadas forneceram vários elementos para um debate sobre a patrimonialização de fundos documentais e organização e definição desses acervos, assim como questões relativas à padronização de procedimentos na geração de documentos por parte das instituições. Finalmente, é importante lembrar que tanto o SAUSP quanto o SAESP são estruturas relativamente recentes. Embora existisse um Arquivo do Estado de São Paulo, pelo menos desde 1930, este era eminentemente entendido como um órgão de preservação cultural. É só com um decreto governamental de 1984 que se cria o SAESP. Já o SAUSP começa a ser concebido em 1995.

Nos demais encontros que tivemos desde que iniciamos o grupo, em março de 2010, temos discutido questões comuns, tanto de um ponto de vista prático – como nosso posicionamento em relação

à nova Lei de Direitos Autorais e em que isto afeta a dinâmica de nossas instituições, ou ainda uma demanda crescente pela elaboração de apólices de seguro para arquivos – quanto do ponto de vista conceitual. Aqui, parece-nos ao menos neste momento que o diagnóstico que conseguimos desenhar é que ainda há muito a ser feito nas instâncias administrativas de nossas instituições para que se estabeleça nelas uma política efetiva de gestão da informação.

Para que o Grupo de Trabalho continue atuando como um fórum de discussões sobre arquivos dentro de museus, desde o início da organização do I Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa pensamos justamente na continuidade das edições do seminário, bienalmente, de modo a podermos trocar com a comunidade mais ampla de pesquisadores e profissionais da área as questões que viemos pontuando junto ao Grupo de Trabalho. A próxima edição do seminário, portanto, deverá ocorrer no segundo semestre de 2011, e seu tema central é objeto de discussão dentro do Grupo de Trabalho, a partir de nossas reuniões ao longo de 2010. Por ora, somos um grupo pequeno, mas no qual as discussões têm avançado, e pensamos que aos poucos ele certamente se abrirá para que outras instituições participem.

Referências bibliográficas

- ARAUJO, Marcelo Mattos. *Os Modernistas na Pinacoteca: o Museu entre a Vanguarda e a Tradição*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP. São Paulo, 2002.
- ARTUNDO, Patricia. Os documentos nas exposições de arte: o caso de *Arte y Documento: Fundación Espigas 1993-2003*. In: MAGALHÃES, Ana Gonçalves (Org.). *I Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa*. São Paulo: MAC/USP, 2010. p.59-71.
- AJZENBERG, Elza (Org.). *Ciccillo Matarazzo*. São Paulo: MAC/USP, 2003. (Catálogo de Exposição).
- BARROS, Regina Teixeira de. *Revisão de uma História: a criação do Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1946-1949*. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, USP. São Paulo, 2002.
- BEVILACQUA, Gabriel Moore Forell. Arquivos em Museus: apontamentos a partir da experiência do Centro de Documentação e Memória da Pinacoteca do Estado de São Paulo. In: MAGALHÃES, Ana Gonçalves (Org.). *I Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa*. São Paulo: MAC/USP, 2010. p.156-170.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos de Museus. In: MAGALHÃES, Ana Gonçalves (Org.). *I Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa*. São Paulo: MAC/USP, 2010. p.10-27.

CHAIMOVICH, Felipe. A biblioteca do MAMSP como lugar para a arte contemporânea. In: MAGALHÃES, Ana Gonçalves (Org.). *I Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa*. São Paulo: MAC/USP, 2010. p.136-139.

COSTA, Ivani Di Grazia. Biblioteca e Centro de Documentação do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp): relato de uma experiência. In: MAGALHÃES, Ana Gonçalves (Org.). *I Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa*. São Paulo: MAC/USP, 2010. p.127-135.

FABRIS, Annateresa. Um fogo de palha aceso. In: _____; OSÓRIO, Luis Camillo. *MAM 60*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2008.

_____. A travessia da arte moderna. In: HISTÓRIA E(M) MOVIMENTO. *MAM 60* Anos. s.d. (Folheto das conferências proferidas por ocasião da mostra comemorativa dos 60 anos do MAMSP).

FOSTER, Hal. The Archive Without Museums. *October*, v.77, p.97-119, Summer 1996.

FREIRE, Cristina. Do perene ao transitório: novos paradigmas para o museu de arte contemporânea. In: MAGALHÃES, Ana Gonçalves (Org.). *I Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa*. São Paulo: MAC/USP, 2010. p.93-100.

KARPINSCKI, Silvana. Arquivo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. In: MAGALHÃES, Ana Gonçalves (Org.). *I Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa*. São Paulo: MAC/USP, 2010. p.147-155.

LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem o Moderno*. São Paulo: Edusp, 1999.

MARINS, Paulo César Garcez. Obras de arte em um museu de história: desafios metodológicos na documentação do acervo do Museu Paulista da USP. In: MAGALHÃES, Ana Gonçalves (Org.). *I Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa*. São Paulo: MAC/USP, 2010. p.72-83.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Arquivos de artista, museus e pesquisa: reflexões de um historiador. In: MAGALHÃES, Ana Gonçalves (Org.). *I Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa*. São Paulo: MAC/USP, 2010. p.10-27.

NASCIMENTO, Ana Paula. A pesquisa curatorial e o Centro de Documentação e Memória da Pinacoteca do Estado de São Paulo: uma via de mão dupla. In: MAGALHÃES, Ana Gonçalves (Org.). *I Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa*. São Paulo: MAC/USP, 2010. p.101-111.

_____. *MAM: Museu para a Metrópole*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP. São Paulo, 2003.

SMIT, Johanna Wilhelmina. O arquivo de museu e a informação. In: MAGALHÃES, Ana Gonçalves (Org.). *I Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa*. São Paulo: MAC/USP, 2010. p.84-92.

VILLELA, Adriana. Arquivo Histórico Wanda Svevo. In: MAGALHÃES, Ana Gonçalves (Org.). *I Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa*. São Paulo: MAC/USP, 2010. p.140-146.

WYTHE, Deborah (Org.). *Museum Archives: an introduction*. Chicago: The Society of American Archivists, 2004.

ZANINI, Walter (Org.). *Homenagem a Francisco Matarazzo Sobrinho*. São Paulo: MAC/USP, 1977. (Catálogo de Exposição).